IFENDER Nenhuma outra empresa contribuiu mais para a aparência e o som do corpo sólido elétrico da guitarra do que Fender. A firma original de Clarence Leo Fender mudou o curso da música popular revolucionando o design e fabricação de guitarras elétricas.

Fender teve tanto sucesso que em 1965 o negócio foi vendido para a gigante CBS, conglomerado por US\$ 13 milhões, uma cifra sem precedentes. No entanto, todo o caso tinha começado cerca de vinte anos antes, quando Leo fez alguns violões de aço elétricos com alguns milhares de dólares que ele ganhou com o projeto de um toca-discos. A partir dessas origens humildes, surgiu uma das maiores e os fabricantes de instrumentos musicais mais esplendidamente originais do mundo.

Durante seus primeiros anos, a empresa do sul da Califórnia esteve perigosamente perto de falir. Foi o Léo, a pura determinação de Fender, combinada com sua sorte em cercar-se de pessoas inteligentes e dedicadas, pessoas, que ajudaram a puxar a empresa Fender em tempos difíceis.

Leo nasceu em 1909, em um celeiro perto da fronteira Anaheim/Fullerton na área de Los Angeles. Dele pais administravam uma "fazenda de caminhões", cultivando vegetais e frutas para o mercado, e construíram o celeiro primeiro, antes que eles pudessem pagar para construir uma casa. Certa vez, um amigo lembrou que, quando Leo era pequeno, seu pai lhe disse que a única coisa que vale a pena no mundo é o que você realizou em trabalho - e que se não estivesse trabalhando era preguiçoso, o que era pecado. Parece que Leo julgaria todos ao seu redor por essa medida. E ele mesmo o mais difícil de todos. Embora tenha estudado contabilidade e iniciado sua vida profissional nas seções de contabilidade

do departamento de rodovias do estado e uma empresa de distribuição de pneus, o hobby de Léo sempre foi eletrônica, e em seus vinte anos ele construiu amplificadores e sistemas de PA para uso em eventos públicos, como esportes e reuniões religiosas e bailes. Por volta de 1939, Leo abriu a Fender Radio Service, uma loja na

Fullerton na área de Los Angeles. Leo havia perdido seu emprego de contador no início daquela década da Depressão.

Sua nova loja trouxe apresentações instantâneas para muitos músicos locais, incluindo violinista profissional e o guitarrista "Doc" Kauffman. Doc havia trabalhado em projetos de guitarra elétrica para outra empresa local, a Rickenbacker.

Lap-steel, ou havaiano, tocar guitarra, estava na moda nos Estados Unidos desde a década de 1920 e ainda era tremendamente popular na época em que Leo abriu sua loja. Uma guitarra lap-steel senta-se horizontalmente no colo do músico, e suas cordas são paradas não pelos trastes, mas com um deslizamento de aço, barra segurada na mão não escolhida do músico. Como o tipo de guitarra mais prevalente na América na época, lap-steels foram as primeiras guitarras a "ficar elétricos" na década de 1930. Várias empresas inovadoras começaram a experimentar captadores eletromagnéticos, prendendo-os na guitarra e conectando-os a pequenos amplificadores. Durante a década de 1930 e posteriormente, o termo "espanhol" foi usado para identificar os outros (menos popular) tipo de guitarra de segurar contra o corpo.

Leo já havia começado a ver o potencial das guitarras elétricas e a brincar com projetos de coleta. Leo e Doc construíram uma guitarra de corpo sólido em 1943 para testar essas primeiras picapes. Algumas das receitas foi para iniciar sua empresa de curta duração, K&F (Kauffman & Fender), e os dois homens começaram a produção adequada de guitarras elétricas lap-steel e pequenos amplificadores em novembro de 1945. Outra pessoa importante com quem Leo começou a

trabalhar nessa fase inicial foi Don Randall, gerente geral da Radio & Television Equipment Co. ("Radio-Tel"), com sede em Santa Ana, umas quinze milhas ao sul de Fullerton. A Radio-Tel, de propriedade de Francis Hall, tornou-se a distribuidora exclusiva de Produtos K&F em 1946 - na época em que Leo e Doc Kauffman decidiram se separar. Em 1946, Leo ligou para sua nova operação Fender Manufacturing (mais tarde renomeada como Fender Electric Instrument Co.). Leo continuou a fabricar lap-steels e amplificadores como fazia com a K&F, mas gradualmente desenvolveu novos produtos.

Ele também se expandiu para instalações maiores em Fullerton, separadas da loja de rádio e descritas por um observador como dois edifícios simples e pouco atraentes.

Dale Hyatt ingressou na empresa em janeiro de 1946 e mais tarde tornou-se um membro crucial da

equipe de vendas da Fender, mas uma de suas primeiras tarefas, no final de 1947 ou início de 1948, foi assumir o negócio de lojas de rádio enquanto Leo tentava começar as coisas nos novos edifícios em Pomona Avenida. O próximo a ingressar na empresa de Fender foi George Fullerton, que se tornaria o que um colega descreveu como o fiel burro de carga de Leo. Fullerton começou a trabalhar em Pomona Avenida em fevereiro de 1948.

Karl Olmsted e seu sócio Lymon Race administravam uma empresa de ferramentas e moldes em Fullerton, fazendo ferramentas especializadas, bem como matrizes que os clientes podem usar para estampar peças de metal em prensas punçionáveis. Eles estavam procurando trabalho, e Leo havia chegado ao ponto em que matrizes necessárias para serem feitas para o trabalho de produção. Ele estava fazendo peças à mão, cortando fora o metal bruto. Mas é claro que agora Leo precisava fazer várias cópias idênticas de cada componente. A Race & Olmsted fez as ferramentas da Fender e a maioria das peças de metal para o próximo trinta anos ou mais, progredindo para formas mais complicadas, sofisticadas e de alto nível, ferramentas de produção com o passar do tempo.

Os lap steels elétricos da Fender tiveram algum sucesso local, e Leo começou a pensar em produzir uma guitarra elétrica de corpo sólido de forma normal e estilo de tocar: um "elétrico Violão "espanhol". Violões acústicos "f-hole" de corpo oco espanhóis normais com captadores elétricos embutidos e controles associados foram produzidos por fabricantes como

Rickenbacker, National, Gibson e Epiphone várias vezes desde a década de 1930, mas sem muito efeito nos hábitos dos músicos. E enquanto a demanda estava aumentando de "danceband" guitarristas que se viram cada vez mais incapazes de competir com o volume do resto

da banda, a maioria das primeiras guitarras elétricas de corpo oco eram efetivamente experimentais.

Eles foram apenas parcialmente bem-sucedidos do ponto de vista técnico, e as guitarras elétricas ainda eram longe de se tornar uma grande sensação comercial. Os planos de Leo mudariam tudo isso. Vários fabricantes de guitarras, músicos e engenheiros na América estavam se perguntando sobre a possibilidade de um instrumento de corpo sólido. Tal projeto reduziria o feedback irritante, muitas vezes produzido por guitarras hollowbody amplificadas, ao mesmo tempo em que reduz a interferência do corpo da guitarra com seu tom geral e, assim, reproduzir e sustentar com mais precisão o som das cordas.

A Rickenbacker lançou uma guitarra elétrica relativamente sólida com corpo de baquelite em meados da década de 1930 - o tipo que o amigo de Leo, Doc Kauffman, tocou enquanto, por volta de 1940, o guitarrista Les Paul construía um guitarra elétrica de banco de ensaio pessoal em Nova York que usava peças de uma variedade de instrumentos montados em um maciço bloco central de pinho. Em Downey, Califórnia, cerca de quinze milhas a oeste da operação da Fender em Fullerton, Paul Bigsby tinha uma pequena

oficina onde passava boa parte do tempo consertando motocicletas e, mais tarde, fabricando excelentes guitarras de pedal steel e unidades de vibrato. Também se aventurou na guitarra elétrica solidbody e campo bandolim, construção manual de um número limitado instrumentos distintivos. Ele começou isso em 1948 com a histórica guitarra Merle Travis, um instrumento com construção através do pescoço e "asas" de corpo oco.

Fender parece ter sido influenciado pelos anteriores instrumentos de Bigsby's-George Fullerton diz que ele e Leo conheciam Paul Bigsby e tinham visto Merle Travis tocando sua guitarra Bigsby. Leo começou a trabalhar no verão de 1949 no instrumento que hoje conhecemos como Fender

Telecaster, efetivamente a primeira guitarra elétrica do mundo comercialmente de corpo sólido comercializada, e ainda muito vivo hoje. A guitarra, originalmente chamada de Fender Squier e depois Fender Broadcaster, entrou em produção pela primeira vez em 1950. Os primeiros protótipos pegaram emprestado o design do cabeçote do lap-steel, com três sintonizadores de cada lado, mas a versão de produção tinha um novo cabeçote inteligente com todos os seis afinadores ao longo de um lado, permitindo que as cordas encontrem sintonizadores em linha reta e evitando o

cabeçote tradicional "angulado para trás". Fender é nova guitarra elétrica de corpo sólido simples, potente, significativamente à frente de seu tempo. Como tal não provou imediatamente fácil para os vendedores da Fender venderem, como Don Randall, da Radio-Tel, descobriu quando tirou alguns protótipos para uma feira de instrumentos musicais em Chicago

durante o verão de 1950. Na verdade, Randall ficou horrorizado ao descobrir que os concorrentes geralmente riram do novo instrumento, chamando os protótipos de remos de canoa, pás de neve e coisas piores.

Um pequeno número de modelos Squier de um captador de pré-produção sem truss rods foram feitos em abril de 1950, com outra pequena produção de Squiers de duas picapes dois meses depois. Em geral a produção do mais conhecido single-pickup Squier com truss rod não começou até janeiro 1951. Mas em novembro de 1950, um tensor foi adicionado ao modelo de duas picapes, seu nome foi alterado para a Broadcaster, e o preço de varejo foi fixado em \$170. O nome Broadcaster teve vida curta, interrompido

no início de 1951, quando Gretsch, um grande fabricante de instrumentos com sede em Nova York, indicou seu uso anterior de "Broadcaster" em vários produtos de bateria.

A princípio, a Fender simplesmente usou seus decalques "Fender Broadcaster" no cabeçote da guitarra, cortando o "Broadcaster" e deixando apenas o logotipo "Fender"; essas guitarras sem nome são conhecidas entre os colecionadores hoje como Nocasters.

O novo nome decidido para o elétrico sólido Fender foi Telecaster, cunhado por Don Randall. O nome Telecaster estava nos cabeçotes em abril de 1951 e, finalmente,

A nova guitarra elétrica de corpo sólido de \$189,50 da Fender tinha um nome permanente.

Na Fender, praticidade e função dominavam. Não houve escultura manual de peças selecionadas,

madeiras que se encontrariam nas oficinas de fabricantes de guitarras arch-top estabelecidos. Com a Telecaster, a Fender transformou a guitarra elétrica em um produto de fábrica, reduzido a seus elementos essenciais, construído a partir de peças facilmente montadas e produzidas a um preço relativamente acessível. Métodos de Fender feitos para uma produção mais fácil e consistente - e um som diferente. Não para Fender o fat estilo Gibson tom de jazz, mas um som mais claro e estridente, algo como um cruzamento entre uma guitarra acústica limpa e um corte de aço lapidado elétrico.

Um dos primeiros músicos a apreciar esse novo som foi Jimmy Bryant, mais conhecido por seus

impressionantes duetos instrumentais de guitarra com o virtuoso pedal-steel Speedy West. Bryant logo levou para tocar o novo Fender solidbody. Ele era respeitado pelos profissionais da indústria musical por seu trabalho de sessão, incluindo gravações feitas com Tennessee Ernie Ford e Ella Mae Morse entre outros. Bryant também fez aparições na televisão em vitrines country e destacaria Fender novo solidbody excitante para o crescente público da televisão.

Era o western swing, uma música de dança animada que cresceu nos dancehalls do Texas durante a década de 1930 e 1940, que popularizou a guitarra elétrica nos Estados Unidos, inicialmente com violão de aço. Muitos de seus músicos steel usavam eletricidade Fender, principalmente Noel Boggs e Leon McAuliffe, mas também havia

alguns guitarristas elétricos espanhóis nas bandas, como Bill Carson, que usa o Tele. Os negócios começaram a melhorar para a empresa Fender quando a notícia da Telecaster se espalhou e, como os cinco vendedores da Radio-Tel começaram a persuadir os proprietários das lojas de instrumentos a estocar o instrumento. Cedo em 1953, a configuração de vendas existente da Fender com a Radio-Tel foi reorganizada em um novo sistema de vendas da Fender empresa de distribuição, que estava operacional em junho. Baseado como Radio-Tel em Santa Ana, Fender, as vendas tinham quatro parceiros de negócios: Leo, Don Randall, o proprietário da Radio-Tel, Francis Hall, e o vendedor Charlie Hayes. Hayes morreu em um acidente de viação e no final de 1953, Hall comprou o Rickenbacker empresa, então em 1955 a Fender Sales tornou-se uma parceria de propriedade de Leo e Don Randall. Era Randall, que realmente dirigia essa parte essencial dos negócios da Fender.

O lado de vendas da Fender estava, portanto, em mãos competentes. Outra importante adição

ocorreu em 1953 quando o violonista de aço Freddie Tavares, mais conhecido por sua introdução ao aço sobre os títulos dos desenhos animados Looney Tunes, juntou-se ao fabricante de guitarra da Califórnia, ajudando Leo a projetar

novos produtos. Também em 1953, três novos edifícios na South Raymond Avenue e na Valencia Drive foram construídos, adicionado às instalações fabris da empresa. Além de apenas duas guitarras elétricas, a Telecaster

e Squier, a Fender tinha nessa época uma linha de sete amplificadores (Bandmaster, Bassman, Champ, Deluxe, Princeton, Super, Twin Amp), cinco violões de aço elétricos (Custom, Deluxe, Dual, Stringmaster, Student) e seu revolucionário contrabaixo elétrico, o Precision, que havia sido lançado dois anos antes.

Outro recém-chegado, Forrest White, ingressou na empresa depois que Leo perguntou se ele estaria interessado em ajudar a resolver alguns "problemas de gerenciamento" na Fender. White ficou chocado com a desorganização e bagunça que encontrou nas oficinas e assinou contrato, começando a trabalhar na Fender em maio de 1954. Ele logo começou a colocar as operações de fabricação em ordem.

Agora Leo tinha homens capazes Forrest White e Don Randall, posicionados à frente da produção e vendas. Ele tinha uma nova fábrica e uma reputação pequena, mas crescente. Tudo o que ele precisava agora era de mais novos produtos. E junto veio o elegante Fender Stratocaster, o epítome do tailfin-flash americano projeto da década de 1950.

Leo estava ouvindo atentamente os comentários dos músicos sobre a Tele e a Squier "simples" e, no início dos anos 1950, ele e Tavares começaram a formular a guitarra que se tornaria a Stratocaster.

Alguns músicos reclamaram que a borda afiada da Telecaster era desconfortável, então a equipe começou a brincar com contornos suavizados no corpo. A Stratocaster acabou sendo lançada em 1954 amostras por volta de maio e junho foram seguidas pela primeira produção adequada executar em outubro. Custava \$249,50 (ou \$229,50 sem vibrato) mais \$39,50 por caixa. O novo Fender foi o primeiro elétrico de corpo sólido com três captadores e também apresentava um novo design

na unidade de vibrato (ou "tremolo" como a Fender a chamou) para fornecer pitch-bending e shimmering cordal, efeitos para o músico. Foi a primeira unidade de vibrato independente: uma ponte ajustável, arremate e sistema vibrato tudo em um. Não é um mecanismo simples para a época, mas razoavelmente eficaz. Isto seguiu o princípio Fender de pegar um produto existente (neste caso o Bigsby vibrato) e melhorando nele. O novo vibrato Strat da Fender também tinha seis saddles, um para cada corda, ajustáveis para altura e comprimento. A unidade completa era típica da constante reclamações de músicos da Fender exigindo e a consequente aplicação de uma solução de produção em massa.

A Strato veio com um corpo radicalmente elegante e sólido, baseado na forma da Fender anterior.

Precision Bass, contornado para o conforto do músico e com acabamento sunburst amarelo e preto.

Até mesmo a montagem do soquete do macaco era nova, embutida em uma placa estilosa na face do corpo. A Strato parecia como nenhuma outra guitarra por aí - e de certa forma parecia dever mais ao automóvel contemporâneo design do que as formas tradicionais de guitarra, especialmente nas curvas fluidas e sensuais daquele lindamente corpo proporcional e atemporal.

O novo pickguard de estilo da Stratocaster complementava perfeitamente as linhas do corpo. Com efeito, a impressão geral era de uma guitarra onde todos os componentes se encaixavam perfeitamente. Não é surpreendente, portanto, que a Strato ainda seja feita hoje e tenha se tornado a mais popular, a mais copiada, a mais desejada e muito provavelmente a guitarra sólida mais tocada de todos os tempos. Apareceu nas mãos de praticamente todos os grandes guitarristas ao longo dos anos.

Os próximos lançamentos de modelo da Fender vieram em 1956 com um par de novos elétricos "estudantes". Esses tinha um comprimento de corda mais curto do que o normal para Fender. O captador único "tamanho três quartos"

Musicmaster e Duo-Sonic de dois captadores foram descritos na literatura da empresa como "ideal para estudantes e adultos com mãos pequenas." Eles foram claramente projetados para músicos com um orçamento apertado, para aqueles que estavam começando na guitarra elétrica e estavam indo para as escolas varejistas de música que estavam surgindo em todos os lugares nos Estados Unidos na época.

A Fender então criou um instrumento decididamente sofisticado. O Jazzmaster apareceu pela primeira vez no Fender's listas de preços em 1958, e por \$329 era cerca de \$50 mais cara que a Strato. Por esse preço

a Fender não resistiu em rotular sua nova Jazzmaster como "a melhor guitarra elétrica da América... em desempenho e características de design." Imediatamente impressionante para o guitarrista de 1958 foi a forma incomum do corpo de cintura compensada do Jazzmasters e, pela primeira vez em um Fender, um jacarandá separado escala colada ao tradicional braço de maple. O sistema de vibrato também era novo, com um mecanismo de "bloqueio" mal concebido destinado a evitar problemas de afinação se uma corda quebrasse.

O som do Jazzmaster era mais rico e quente do que os músicos da Fender estavam acostumados. O nome Jazzmaster não foi escolhido ao acaso, pois a Fender visava o tom diferenciado aos músicos de jazz. Mas os guitarristas de jazz encontraram pouco apelo nesta nova e difícil guitarra de corpo sólido, e os músicos de Fender convencionais permaneceram com suas Stratos e Teles.

Em suma, o Jazzmaster foi uma mudança distinta para a Fender e constituiu um esforço real para estender o escopo e o apelo de sua linha de guitarras. Ironicamente, e apesar do sucesso inicial significativo, isso foi parcialmente responsável pela falta de popularidade da guitarra a longo prazo em relação à Strato e Tele, principalmente como resultado da insatisfação dos músicos com a aparência e os sons da guitarra. No entanto, o Jazzmaster permaneceu próximo ao topo da lista de produtos da Fender até ser retirado por volta de 1980.

A maioria das guitarras Fender da década de 1950 veio oficialmente apenas em sunburst ou variedades do "blond" original (alguns raros primeiros Squiers eram pretos). Mas algumas guitarras, feitas especialmente na fábrica efetivamente como peças únicas, tinham acabamento em cores sólidas. Os raros exemplos sobreviventes indicam que essa prática estava em andamento em 1954, mas poucos músicos pareciam interessados em tocar uma guitarra colorida, e a produção principal da Fender permaneceu em instrumentos sunburst e loiros.

A produção inicial de guitarras de cores especiais da empresa foi certamente casual, muitas vezes, sem dúvida, a reação compreensível de uma pequena empresa a pedidos lucrativos, embora incomuns, de um punhado de clientes. Mas esse arranjo informal recebeu uma base um pouco mais comercial na literatura de vendas da empresa de 1956, quando as guitarras coloridas "escolha do músico" foram apontadas como uma opção, com um custo extra de cinco por cento. No ano seguinte, esses acabamentos de pintura Du Pont foram descritos no catálogo da Fender como "cores personalizadas" (um nome que permaneceu desde então) e na lista de preços como "acabamentos Du Pont Duco personalizados", ainda com cinco por cento acima dos preços normais.

A Fender também anunciou, no início de 1957, uma Stratocaster com acabamento loiro transparente e ferragens folheadas a ouro. Don Randall diz que a placa de ouro foi influenciada por ver o novo modelo White Falcon de Gretsch. Na verdade, a Fender teve problemas para manter a placa de ouro em seus componentes. Mas a Strato loira de hardware dourado foi, de fato, a primeira guitarra Custom Color oficial da Fender - embora o termo sempre tenha sido mais popularmente aplicado desde então a variedades de cores sólidas. A Strato loira/ouro mais tarde ficou conhecida como o modelo "Mary Kaye" graças ao músico Kaye aparecer regularmente com tal modelo nos catálogos da Fender.

A Fender acabou apresentando uma lista definida de sua escolha de cores personalizadas disponíveis. No início dos anos 1960, quando muitos mais Custom Color Fenders estavam sendo feitos, a empresa lançou tabelas de cores para divulgar as várias tonalidades. Havia três gráficos originais: o primeiro, por volta de 1960, apresentava Black, Burgundy Mist Metallic, Dakota Red, Daphne Blue, Fiesta Red, Foam Green, Inca Silver Metallic, Lake Placid Blue Metallic, Olympic White, Shell Pink, Sherwood Green Metallic, Shoreline Gold Metallic, Sonic Blue e Surf Green; a segunda, por volta de 1963, havia perdido o Shell Pink e ganhado o Candy Apple Red Metallic; e o terceiro, em 1965, perdeu Burgundy Mist Metallic, Daphne Blue, Inca Silver Metallic, Sherwood Green Metallic, Shoreline Gold Metallic e Surf Green, e ganhou todos os Metallics-Blue Ice, Charcoal Frost, Firemist Gold, Firemist Silver, Ocean Turquesa e Verde Teal. A indústria automobilística estava claramente tendo um efeito profundo sobre os fabricantes de guitarras dos Estados Unidos na década de 1950, não menos por sua capacidade de aprimorar a aparência de um objeto já estiloso com uma pintura rica e brilhante. A Fender usou tintas das linhas Duco de nitrocelulose da Du Pont, como Dakota Red ou Foam Green, bem como os acrílicos Lucite com maior retenção de cores, como Lake Placid Blue Metallic ou Burgundy Mist Metallic. Décadas depois, as guitarras com os originais Fiesta Reds, Sonic Blues, Shoreline Golds e similares provaram ser muito desejáveis entre os colecionadores, muitos dos quais classificam um Custom Color Fender, especialmente um antigo, como um dos principais atrativos. Isso ocorre apesar da prevalência de "repinturas" recentes, que se tornaram tão precisas que até supostos especialistas podem ocasionalmente ser enganados ao declarar acabamentos falsos como originais. Alguns músicos acham difícil entender por que os colecionadores podem pagar um prêmio tão alto simplesmente pela promessa de que uma determinada camada de tinta "original".

Na Fender, no final dos anos 1950, alguns ajustes estéticos e de produção foram feitos nas guitarras elétricas da empresa. O Jazzmaster foi o primeiro Fender com escala de jacarandá, e esse material foi adotado para outros modelos por volta de 1959. A empresa também alterou a aparência de seu acabamento sunburst na época, adicionando vermelho para dar um amarelo de três tons ao vermelho-para-preto efeito. Em 1959, a Fender empregava cem trabalhadores em nove edifícios.

Os últimos "novos" componentes elétricos da Fender da década de 1950 foram as versões Custom de corpo encadernado do Squier e Telecaster, novidades em 1959. Forrest White recebeu conselhos sobre o processo de encadernação de Fred Martin, chefe da principal guitarra acústica plana americana fabricante Martin. Cada uma das Customs custava apenas US \$30 a mais do que as versões regulares não encadernadas, mas muito menos delas foram vendidas.

Quando a Fender entrou na década de 1960, a empresa ostentava uma extensa lista de produtos além de suas guitarras elétricas. A lista de produtos de julho de 1961 da empresa, por exemplo, incluía treze amplificadores, cinco violões de aço, duas guitarras de pedal-steel e dois baixos.

O próximo projeto elétrico de seis cordas a deixar a linha de produção da Fender foi o Jaguar, que apareceu pela primeira vez em material de vendas em 1962. Ele usava uma forma de corpo de cintura compensada semelhante ao Jazzmaster e também compartilhava a ponte separada da guitarra e a unidade de vibrato, embora o Jaguar tivesse a adição de uma surdina de corda com mola na ponte, a Fender acreditava com bastante otimismo que os músicos da época eram tão obcecados por gadgets que prefeririam uma surdina mecânica de cordas ao método natural da ponta da mão. Ele estava errado. Existem muitos elementos da técnica de tocar que simplesmente não podem ser substituídos pelo

hardware. Apesar das semelhanças de superfície, havia algumas diferenças notáveis entre o novo Jaguar e o Jazzmaster, agora com quatro anos. Visualmente, o Jaguar tinha três painéis de controle cromados distintos e foi o primeiro Fender com vinte e dois trastes no braço. O Jaguar também tinha um comprimento de corda ligeiramente mais curto do que o normal para Fenders, mais próximo do padrão de Gibson, criando uma sensação de tocar diferente.

O Jaguar tinha captadores melhores que o Jazzmaster. Eles se pareciam muito com unidades Strato, mas tinham blindagem de metal adicionada na base e nas laterais, em parte como uma resposta às críticas à tendência do Jazzmaster de fazer barulho. A parte elétrica do Jaguar era ainda mais complexa do que a do Jazzmaster, usando o mesmo circuito rítmico, mas acrescentando um trio de interruptores de circuito principal. Como o Jazzmaster, o Jaguar desfrutou de uma explosão de popularidade quando foi lançado. Mas esta guitarra top de linha - "uma das melhores guitarras elétricas de corpo sólido que já foi oferecida ao público", de acordo com a hipérbole de vendas original da Fender, nunca teve sucesso sustentado.

Com o início da década de 1960, ficou claro que a Fender havia se tornado uma empresa notavelmente bem-sucedida. Em um período relativamente curto, o trio brilhantemente inventivo da Fender de Telecaster, Precision Bass e Stratocaster estabeleceu nas mentes de músicos e fabricantes de guitarras a ideia da guitarra elétrica de corpo sólido como um instrumento moderno viável. A empresa encontrou-se no meio da revolução da música rock 'n' roll do final dos anos 1950 e início dos anos 1960... e ficou feliz em garantir que os músicos tivessem um bom suprimento de guitarras acessíveis disponíveis em grande número.

A Fender conquistou um enorme segmento do novo mercado. Muitos edifícios foram adicionados para atender às crescentes demandas de fabricação e, em 1964, a operação empregava cerca de 600 pessoas espalhadas por 29 edifícios. Forrest White disse certa vez que sua equipe de produção de guitarras estava fabricando 1.500 instrumentos por semana no final de 1964, em comparação com os quarenta por semana quando ele ingressou na empresa dez anos antes. Além de guitarras elétricas, a lista de produtos da Fender em 1964 oferecia amplificadores, violões de aço, baixos elétricos, violões, pianos elétricos, unidades de efeitos e uma série de acessórios relacionados.

Don Randall se lembra de ter registrado vendas no valor de um milhão de dólares durante seu primeiro ano na década de 1950, que subiram para cerca de US \$10 milhões em meados da década de 1960 (traduzindo para cerca de US \$40 milhões em vendas no varejo). Naquela época, o boom do beat, desencadeado pelos Beatles e a chamada Invasão Britânica, estava tomando os Estados Unidos de assalto. As guitarras elétricas estavam no auge da popularidade e a Fender estava entre os maiores e mais bem-sucedidos produtores. Músicos tão diversos quanto o rei do surf Dick Dale, o bluesman Muddy Waters e o estilista pop Hank Marvin - além de milhares de outros ao redor e entre eles - raramente eram vistos sem um Fender nas mãos.

Na década de 1960, a exportação tornou-se importante para o sucesso da empresa. Os Fenders se tornaram conhecidos na Europa, não apenas pela difusão da música pop, mas também por causa dos muitos GIs estacionados em todo o continente, muitos dos quais tocavam guitarras Fender. A Grã-Bretanha foi um mercado especialmente importante na década de 1960 por causa do sucesso mundial de seus grupos pop. Até o início da década de 1960, era praticamente impossível para os músicos britânicos comprar Fenders, por causa de uma proibição do governo.

de 1951 a 1959 sobre a importação de mercadorias americanas. Mas em 1960 Jennings se tornou o primeiro distribuidor britânico oficial de equipamentos Fender, acompanhado por Selmer em 1962. No verão de 1965, Selmer e Jennings foram substituídos como distribuidor britânico Fender por Arbiter que, exceto por um lapso de alguns anos na década de 1980, duraria muitos anos como o único agente da Fender no Reino Unido. A Europa Ocidental era claramente o maior mercado de exportação, mas a Fender também se saiu bem na Escandinávia, África do Sul, Rodésia (agora Zimbábue), Japão, Austrália, Canadá e outros lugares.

Ao todo, a Fender foi extremamente bem-sucedida. Então, em janeiro de 1965, as empresas Fender foram vendidas para a poderosa Columbia Broadcasting System Inc., mais conhecida como CBS, por US \$13 milhões. A venda da Fender para a CBS provocou muita consternação retrospectiva entre guitarristas e colecionadores, alguns dos quais consideravam os chamados instrumentos "pré-CBS" - em outras palavras, aqueles fabricados antes do início de 1965 - superiores aos fabricados após essa data. . Esta foi uma generalização bastante sem sentido, e é uma pena que tal suposição tenha se tornado tão arraigada.

De acordo com alguns insiders, o problema com a CBS na época era que eles pareciam acreditar que bastava simplesmente despejar muito dinheiro na Fender. E certamente as vendas e os lucros aumentaram - Randall lembra que a receita quase dobrou no primeiro ano em que a CBS foi proprietária da Fender. Mas houve claramente um choque significativo de culturas. Os novos homens da CBS, muitas vezes engenheiros treinados com diplomas universitários, acreditavam na produção de alto volume, enquanto a velha guarda da Fender - a equipe que fez muito para colocar a Fender onde estava na época - eram trabalhadores artesanais de longa data sem qualificações formais.

Leo foi contratado pela CBS como "consultor de pesquisa e desenvolvimento". Na verdade, ele foi instalado longe dos prédios da Fender e teve permissão para mexer o quanto quisesse, com muito pouco efeito nas linhas de produtos. Leo concluiu alguns projetos para a CBS, mas saiu quando seu contrato de cinco anos expirou em 1970. Ele passou a projetar e fabricar instrumentos para Music Man e G&L. Ele não foi o único do antigo time a sair. Em 1972, White, Randall, Fullerton e Hyatt também haviam partido.

De volta à Fender Musical Instruments, a Electric XII - uma guitarra que estava na prancheta quando a venda da CBS ocorreu finalmente chegou às lojas no verão de 1965. A guitarra elétrica de doze cordas foi recentemente popularizada pelos Beatles e The Byrds, que ambos usou Rickenbackers, então a Fender entrou na batalha com sua própria versão um tanto atrasada. Uma inovação foi a ponte de doze selas do Electric XII, que permitia ajustes precisos de alturas e entonação de cordas individuais, um luxo até então desconhecido em qualquer violão de doze cordas. Mas a mania de doze cordas da década de 1960 estava quase no fim e o Electric XII teve vida curta, durando na linha apenas até 1968. Uma das primeiras listas de produtos da era CBS da Fender, datada de abril de 1965, revela uma linha crescente de produtos, além dos onze modelos de guitarras elétricas da empresa. As outras linhas incluíam três baixos, seis violões flat-top e quinze amplificadores.

Em 1966, a CBS concluiu a construção de uma nova fábrica da Fender, situada próxima aos prédios da Fender no local de South Raymond em Fullerton, a um custo de \$1,3 milhão. Enquanto isso, algumas mudanças estéticas estavam sendo feitas em vários modelos da Fender. Em 1965, a Stratocaster ganhou um cabeçote mais largo, combinando efetivamente com a Jazzmaster e a Jaguar. Também durante 1965, as escalas do Electric XII, Jaguar e Jazzmaster foram encadernadas, enquanto no ano seguinte o mesmo trio

recebeu incrustações de escala em forma de bloco em vez dos marcadores de ponto anteriores. Geralmente, a CBS parecia estar mexendo por mexer.

Uma inovação firme - pelo menos para a Fender - veio na forma de uma nova linha de componentes elétricos de corpo oco. Estes foram os primeiros elétricos da Fender, que até este ponto foram claramente identificados na mente do músico como um produtor de corpo sólido. Evidentemente, o forte sucesso da linha ES de corpos semi-sólidos da Gibson e, em menor grau, dos modelos de Gretsch e outros deve ter tentado a CBS e sua busca por mercados mais amplos.

O fabricante alemão Roger Rossmeisl, trazido para a empresa por Leo Fender em 1962 para projetar violões, tornou-se o responsável pelos novos corpos ocios elétricos. Lançadas em 1966, as guitarras Coronado foram os primeiros designs elétricos Rossmeisl da Fender a aparecer e, apesar de seus corpos encadernados convencionais, de corte duplo igual, com grandes orifícios em festilizados, eles empregaram o design de braço e cabeçote aparafusado padrão da Fender. As opções incluíam um dos Beatles permanecerem distintamente sem Fender, o que levou Don Randall a tentar persuadir o empresário Brian Epstein a colocar seus filhos na Fender. Provavelmente durante 1969, Randall conseguiu um encontro com Lennon e McCartney em Londres. Os resultados foram os pianos Fender-Rhodes da banda, um Jazz Bass e um baixo VI de seis cordas, bem como o Rosewood Telecaster de Harrison - todos visíveis em vários momentos durante o filme *Let It Be*.

Os anos 1970 são considerados por muitos como os anos mais pobres da história da produção da Fender, e pode haver pouca dúvida de que o controle de qualidade caiu à medida que mais Fenders de baixo padrão foram feitos. Mas alguns bons Fenders também foram feitos na década de 1970. Durante a década, no entanto, a CBS reduziu as linhas de produtos da Fender e quase não ofereceu novos modelos. O último Squier do período foi feito em 1970, ano em que o Duo-Sonic também morreu. O Jaguar desapareceu por volta de 1975 e, em 1980, o Bronco, Jazzmaster, Musicmaster e Thinline Tele foram retirados de produção.

Assim, no início da década de 1980, o guitarrista que queria comprar uma nova Fender elétrica tinha pouca escolha além das sempre confiáveis Stratos e Teles da empresa. E além de algumas exceções de curta duração, estes vieram principalmente em sunburst, loiro, preto ou natural. Era difícil resistir à sensação de que os cálculos recém-importantes do balanço haviam se estabelecido firmemente na Fender e tinham precedência sobre a antiga criatividade da empresa. Alguns novos modelos elétricos foram introduzidos na década de 1970, mas a maioria eram variações de temas familiares. Parte da distinção da Fender veio do uso de captadores single-coil de som brilhante, os tipos de humbucking de som mais quente e encorpado sempre foram considerados como um dos pilares da Gibson. No entanto, de acordo com as novas tendências do mercado, a Telecaster recebeu um captador humbucking na posição do braço para criar a Telecaster Custom em 1972, e brincadeiras semelhantes levaram a uma espécie de Tele-meets-Strat-meets-Gibson: o two-humbucker , Strat-neck Telecaster Deluxe de 1973.

A empresa fez outra tentativa de linha elétrica de corpo oco em 1976 com o malfadado e de curta duração Starcaster, novamente com o objetivo de competir com a sempre popular linha ES da Gibson.

Em 1976, a Fender tinha uma instalação de cinco acres sob o mesmo teto em Fullerton e empregava mais de 750 trabalhadores. Alguns novos modelos "estudantes" apareceram nessa época para substituir o Musicmaster, Bronco, Duo-Sonic e Mustang. As guitarras Lead I e Lead II de 1979 eram sólidas simples com corte duplo, mas não eram

especialmente baratas por US \$399. Eles foram seguidos pela série Bullet de corte único, que começou a produção em 1981. A Fender tentou brevemente produzir esses modelos na Coreia, para eliminar os custos de ferramentas, mas após uma série de problemas, a fabricação foi retomada em casa.

No início dos anos 1980, a administração da CBS parece ter decidido que a Fender precisava de sangue novo para ajudar a reverter o declínio na sorte da empresa. Durante 1981, o pessoal-chave foi recrutado da operação de instrumentos musicais americana de a gigante empresa japonesa Yamaha, incluindo John McLaren, Bill Schultz e Dan Smith. Parecia que eles foram contratados para mudar a reputação da Fender e lucrar mais uma vez. Uma das recomendações da nova equipe foi iniciar a produção alternativa de Fenders no Japão, para combater as cópias produzidas orientalmente. Uma joint venture foi oficialmente estabelecida em março de 1982.

Nos Estados Unidos, a nova equipe de gerenciamento estava trabalhando em uma estratégia para devolver a Fender à sua antiga glória. O plano era que a Fender se copiasse, recriando as guitarras dos anos 1950 e 1960 que muitos músicos e colecionadores gastavam grandes somas de dinheiro para adquirir. O resultado foi a série de reedições Vintage, consistindo em uma Strato "57" com braço em maple e escala em jacarandá "62", bem como uma Telecaster "52". Essas reproduções Vintage não eram exatas o suficiente para alguns colecionadores obstinados da Fender, mas geralmente as guitarras eram elogiadas e bem-vindas. A produção das reedições do Vintage foi planejada para começar em 1982 na Fender US (Fullerton) e na Fender Japan (Fujigen). Mas as mudanças instituídas na fábrica americana significavam que as versões americanas não entrariam em operação até o início de 1983. As guitarras da Fender Japan nessa fase estavam sendo feitas apenas para o mercado interno japonês, mas os agentes europeus da Fender estavam pressionando a administração da Fullerton para um Fender de gama baixa competir com a multidão de modelos exportados vendidos na Europa e em outros lugares por outros fabricantes japoneses.

Assim, a Fender Japan fez algumas versões menos caras das reedições Vintage para distribuição europeia em 1982, com a marca Squier. No final de 1983, com a fábrica americana ainda não atingindo a escala de produção que a equipe desejava, a Fender Japan também construiu uma Squier Stratocaster para o mercado americano. Este instrumento, junto com os anteriores Squier Stratocasters e Telecasters, viu o início da venda de produtos Fender Japan em todo o mundo e um movimento da Fender para se tornar um fabricante internacional de guitarras.

Um par de curta duração da fábrica dos Estados Unidos na época era o Elite Stratocaster e o Elite Telecaster, concebidos como novas versões radicais de ponta dos antigos fiéis. Infelizmente, a Elite Strato equipada com vibrato veio com uma ponte terrível. A luta interna na Fender levou a modificações de última hora no design do vibrato, e o resultado foi uma peça de hardware pesada e impraticável. O Elite Strato também apresentava três botões para seleção de captador, que não agradavam aos músicos criados no clássico interruptor de captador Fender. Havia pontos positivos - os novos captadores, o circuito ativo eficaz e um design aprimorado do trussrod - mas eles tendiam a ser esquecidos e os Elites foram descartados no final de 1984.

Três linhas Fender de novo design foram introduzidas em 1984, feitas pela Fender Japan e destinadas a competir com alguns dos modelos populares da Gibson. O nome geral para os novos instrumentos era Master Series, abrangendo modelos elétricos D'Aquisto, com design do luthier americano Jimmy D'Aquisto e guitarras semi-sólidas Esprit e Flame. Significativamente, eles foram os primeiros produtos Fender Japan com o logotipo Fender

em vez do cabeçote Squier a serem vendidos oficialmente fora do Japão, e os primeiros Fenders com pescoço embutido. Sua imagem abertamente Gibson seria sua ruína. A maioria dos músicos queria Fenders reconhecíveis da Fender.

Em meados da década de 1980, a CBS decidiu que finalmente estava farta dessa parte do negócio da música e desejava vender a Fender Musical Instruments. Convidou ofertas e no final de janeiro de 1985, quase exatamente vinte anos após a aquisição, a CBS confirmou que venderia a Fender a um grupo de investidores liderado por Bill Schultz, então presidente da Fender Musical Instruments. O contrato foi concluído em março de 1985 por \$12,5 milhões. É interessante comparar isso com os US \$13 milhões que a CBS originalmente pagou pela empresa em 1965 (o que se traduz em cerca de US \$90 milhões a preços de 1985).

Provavelmente, o problema mais imediato enfrentado pelos novos proprietários era que as fábricas de Fullerton não estavam incluídas no negócio. Portanto, a produção de Fenders nos Estados Unidos foi interrompida em fevereiro de 1985. No entanto, a nova equipe estava estocando corpos e braços e adquiriu algum estoque existente de guitarras completas, bem como máquinas de produção. A empresa passou de empregar mais de 800 pessoas no início de 1984 para pouco mais de 100 um ano depois.

Um instrumento em particular foi vítima desse período de transição. The Performer começou a vida destinada à produção nos Estados Unidos. Mas sem nenhum lugar para construí-lo nos Estados Unidos, a Fender o fabricou na fábrica Fujigen no Japão. O Performer tinha uma forma de corpo distinta, captadores inclinados duplos, vinte e quatro trastes e um cabeçote em forma de flecha bem diferente do derivado Fender Strato usual, uma reação ao novo design popular "superstrato" popularizado por fabricantes de guitarras americanos como Jackson e incluindo um cabeçote "pontudo" caído.

Ao todo, o Fender's Performer era um instrumento completamente moderno com poucos acenos ao passado ilustre da empresa, mas esse movimento corajoso foi morto pela venda da CBS. A operação japonesa tornou-se a tábua de salvação da Fender neste momento, fornecendo produtos muito necessários para uma empresa que ainda não tinha fábrica nos Estados Unidos. Todas as guitarras do catálogo de 1985 da Fender foram feitas no Japão, incluindo as novas Stratocasters e Telecasters contemporâneas - as primeiras Fenders com as cada vez mais modernas unidades de vibrato e grampos de cordas. Uma estimativa coloca até 80 por cento das guitarras que a Fender US vendeu por volta do final de 1984 até meados de 1986 como japonesas. A Fender finalmente estabeleceu sua nova fábrica em Corona, cerca de trinta quilômetros a leste do extinto local de Fullerton. A produção começou em uma escala muito limitada no final de 1985. Mas Dan Smith e seus colegas queriam restabelecer o lado americano da produção da Fender com algumas boas e básicas Stratos e Teles que seriam vistas como uma continuação do melhor das tradições americanas da Fender. Esse plano se traduziu nos modelos American Standard: a versão Strato foi lançada em 1986; a Tele surgiu dois anos depois.

O American Standard foi uma peça eficaz de reinterpretação. Ele se baseou no melhor da Stratocaster original, mas foi atualizado com um braço de vinte e dois trastes de curvatura mais plana e uma unidade de vibrato revisada com base em pontos de pivô duplos. Assim que as linhas de produção da fábrica de Corona atingiram a velocidade máxima, a American Standard Stratocaster provou ser extremamente bem-sucedida para a operação revitalizada da Fender. No início dos anos 1990, o instrumento era um best-seller, alcançando cerca de 25.000 vendas anualmente. Em muitos mercados hoje, incluindo os Estados Unidos, as American Standard Stratocasters e Telecasters continuam sendo os modelos Fender fabricados nos EUA mais vendidos.

Em 1987, a Fender Custom Shop foi estabelecida na fábrica de Corona, permitindo que a Fender atendesse a pedidos especiais para músicos que tinham dinheiro e inclinação. As atividades da loja efetivamente se dividem em guitarras únicas ou Master Built - instrumentos feitos por uma pessoa com atenção aguda aos detalhes e um preço compatível - as edições limitadas e numeradas; e uma linha geral de modelos de "catálogo" que chama de Stock Team.

Os instrumentos de assinatura agora formam uma parte importante da linha Fender. Alguns são feitos na Custom Shop, outros na fábrica da Corona ou mais longe, e cada um é geralmente dotado de recursos favorecidos pelo artista nomeado, de Jeff Beck, Eric Clapton e Stevie Ray Vaughan, a Jimi Hendrix, Dick Dale, e Waylon Jennings.

Em 1988, a Custom Shop produziu a Telecaster do 40º aniversário, sua primeira edição limitada. Naquela época, a maioria dos músicos e colecionadores (e a própria Fender) acreditavam que o primeiro Broadcaster/Telecaster havia sido produzido em 1948, daí o momento do modelo de aniversário. John Page, chefe da Fender's Custom Shop, diz que demorou cerca de dezoito meses para construir a edição completa de 300 guitarras - e então muitos revendedores Fender ficaram chateados porque a empresa fez apenas 300. Assim, a próxima tiragem limitada da loja, a HLE Stratocaster (Haynes Limited Edition), foi aumentada para 500 unidades.

Outras séries numeradas continuaram a aparecer na Custom Shop e se tornaram uma parte importante do trabalho da Oficina.

Uma extensão lógica para as edições limitadas ocorreu em 1992 com o primeiro catálogo da loja de produtos Custom Shop padrão. Nenhum limite de produção é imposto a esses modelos além dos limites da capacidade da loja. O catálogo de 2009 os dividiu em quatro grupos de modelos: Limited Collection, Custom Deluxe Series, Time Machine Series e Artist Series. A expansão dos negócios da Custom Shop levou a uma mudança em 1993 para novos edifícios (mas ainda perto da fábrica Corona) para ganhar espaço extra e melhorar a eficiência.

Após o sucesso da série de reedições Vintage, introduzida pela primeira vez em 1982, a Fender Japan comercializou uma série de modelos que recriaram muitas das guitarras do passado da Fender. Isso incluía reproduções de Paisley, Blue Flower, Rosewood e Thinline Telecasters, Jaguar e Jazzmaster, Mustang e, claro, uma infinidade de Stratos lembrando vários períodos.

A Fender US surgiu com um novo design em 1991 chamado Prodigy, uma tentativa de curta duração de competir com guitarras de sucesso de fabricantes populares da época, como Charvel. Tinha um corpo de cintura deslocada com chifres mais afiados do que uma Strato, dois single-coils e um humbucker e um vibrato de travamento opcional. A Prodigy foi uma das primeiras guitarras Fender a receber atenção na nova fábrica da empresa em Ensenada, México, que foi fundada em 1987. Ensenada fica a cerca de 180 milhas ao sul de Los Angeles, do outro lado da fronteira Califórnia/México. Os amplificadores Fender começaram a sair da fábrica do México em 1989, com as guitarras seguindo logo depois.

No início de 1992, a fábrica mexicana estava produzindo cerca de 175 Fender Standard Stratocasters por dia. Uma estimativa no final de 1990 tinha o México montando cerca de 150.000 Fenders por ano, em comparação com cerca de 85.000 em Corona. A força de trabalho era de cerca de 1.000 na fábrica do México e 700 na Corona. Em 1999, a Fender lançou as duas primeiras guitarras de design original a serem fabricadas em sua fábrica mexicana, os modelos Toronado e Cyclone.

No final da década de 1990, a Fender se esforçou bastante para oferecer uma variedade maior de captadores em alguns modelos. A primeira onda de suas próprias unidades

fabricadas nos EUA começou com as bobinas simples do tipo Texas Special Strato "mais quentes", vistas pela primeira vez no modelo Stevie Ray Vaughan em 1992. Além disso, a empresa tornou-se mais inclinada a usar captadores populares de fora fabricantes, incluindo marcas conhecidas como DiMarzio e Seymour Duncan. A Fender também usou o cada vez mais popular Fishman Powerbridge, com inserções piezo acústicas, nos modelos Power Tele lançados em 2000. Fender fabrica alguns de seus próprios captadores na fábrica da Fender no México para uso em guitarras montadas lá. Isso inclui não apenas unidades single-coil, mas também humbuckers - e assim pareceu à Fender um movimento óbvio para desenvolver e fazer humbuckers na Corona. As primeiras guitarras com os novos humbuckers fabricados nos Estados Unidos da Fender foram os modelos "Fat" da Califórnia de 1997: a Fat Strato tinha um humbucker de ponte enquanto a Fat Tele vinha com um humbucker de braço.

Em meados da década de 1990, a Fender começou novamente a visitar um de seus locais favoritos: o passado. Um pedido comum de alguns artistas era que a Custom Shop fizesse uma réplica de uma guitarra antiga favorita, geralmente porque o original era muito valioso para arriscar levar na estrada. Depois que Keith Richards disse à Oficina que algumas réplicas feitas para ele para uma turnê dos Stones pareciam muito novas ("bash 'em up a bit and I'll play 'em"), a Oficina começou a incluir marcas de uso e desgaste para replicar a aparência geral de um original antigo e desgastado. Então Mestre Construtor J.W. Black teve a ideia de oferecer essas réplicas antigas como itens padrão do catálogo da Custom Shop, chamados de Relíquias.

The Shop fez duas amostras antigas da década de 1950: uma Nocaster (a intermediária Broadcaster/Telecaster sem nome de modelo) e uma Strato "Mary Kaye" (corpo loiro, partes banhadas a ouro). Logo a Custom Shop estava reagindo à demanda gerada por essas amostras, oferecendo uma linha de três Relic Stratots e uma Relic Nocaster. As Relíquias tiveram um sucesso notável e a linha se expandiu.

Desde então, a Custom Shop reorganizou a linha e ofereceu três tipos de "recriações" em uma série renomeada de Time Machine. Primeiro, as guitarras N.O.S. - "New Old Stock" - eram réplicas originais produzidas o mais próximo possível dos novos instrumentos originais que teriam saído da linha de produção da Fender durante o período específico em questão. Em seguida, os Clássicos do Armário devem ser como guitarras compradas anos atrás, tocadas um pouco e enfiadas debaixo da cama ou em um armário. O terceiro é o estilo Relic, com batidas e desgaste "envelhecidos" adicionados pela Loja.

As guitarras Time Machine, e particularmente as Relics, são o mais próximo que a Fender conseguiu em novos instrumentos do apelo quase indefinível das guitarras vintage, algo que a maioria dos fabricantes modernos - e certamente a maioria dos colecionadores - pensava estar firmemente trancado no passado.

Enquanto isso, havia guitarras realmente novas. Bem, guitarras quase novas. No Nirvana, Kurt Cobain tocou seu favorito Fender Jaguar esquerdo (um sunburst modificado de 1965), bem como um Mustang. Por volta de 1993, ele recortou algumas fotos das duas guitarras, juntou-as e experimentou diferentes combinações. Larry Brooks, da Fender's Custom Shop, recebeu as colagens e pediu para criar um design para um novo instrumento, que Cobain tocou. Após sua morte prematura em 1994, a família de Cobain colaborou com a Fender para lançar uma versão de produção, na época chamada de Fender Jag-Stang. O modelo chegou ao mercado em 1996, mas desde então tem estado nas listas de preços apenas de forma intermitente.

Em novembro de 1998 a Fender abriu uma nova fábrica, ainda em Corona, Califórnia. O A empresa orgulhosamente descreveu a fábrica de última geração como a fábrica de guitarras

mais cara e automatizada do mundo. Desde o início da produção na fábrica original da Corona em 1985, a Fender cresceu para ocupar um total de 115.000 pés quadrados de espaço em dez edifícios em toda a cidade. Tal dispersão se mostrou cada vez mais ineficiente, e a Fender começou a planejar uma nova fábrica centralizada durante o início dos anos 1990. A nova planta de \$20 milhões e 177.000 pés quadrados oferece uma capacidade de produção potencialmente crescente para o futuro.

Alguns modelos foram reorganizados em novas séries no final dos anos 1990, com novos modelos "modernos" de alta qualidade fabricados nos Estados Unidos agrupados como American Deluxes e reedições reunidas como American Vintages, com Jazzmasters e Jaguars fabricados nos EUA incluídos ao lado dos antigos mais esperados. A Fender sabia, pelo que estava acontecendo em outras partes do mercado, que precisava aumentar a qualidade; esta atualização incluiu mudanças na série Highway One em 2006 e renomeação da série American Standard como American Series em 2000 e depois de volta para American Standard em 2008. Até então, a Fender havia organizado sua linha de elétricos fabricados em fábrica em onze séries: Padrão americano; Americano Deluxe; Antiguidade americana; Artista; Clássico; Tocador Clássico; Luxo; Rodovia Um; Edição especial; Padrão; e Hot Rod Vintage.

A abordagem da Fender à modelagem de guitarra, um sistema que oferece recriações digitais de guitarras clássicas e sons de amplificadores, foi a americana VG Stratocaster, criada em colaboração com a empresa japonesa de alta tecnologia Roland e lançada em 2007. Na VG, tudo foi feito no instrumento: a única conexão necessária era através do conector normal para um amplificador normal. Dois botões extras no VG Strato controlavam os novos sons, juntamente com um pequeno LED e um captador de ponte Roland GK. O botão Mode Control forneceu cinco configurações de som para uma variedade de tons de guitarra reais e modelados, e o botão Tuning Control forneceu uma variedade de afinações alternativas instantâneas. A guitarra foi descontinuada em 2009.

A Fender alcançou hoje o ponto invejável de dominar o mercado mundial de guitarras elétricas. Ele alcançou seus sucessos atuais de várias maneiras, tentando fornecer um modelo ou modelos que agradem a todos os tipos concebíveis de guitarristas em todos os níveis de habilidade e riqueza. A história da Fender e das guitarras elétricas Fender - que continua enquanto você lê estas palavras - tem sido uma notável mistura de inspiração e invenção, de sorte e infortúnio. Mas as melhores guitarras da empresa garantem que o nome Fender perdure até o século XXI. As guitarras Fender, sem dúvida, ajudarão futuras gerações de músicos a transformar cordas, trastes e captadores em músicas notáveis.